

Apresentação

A Revista Alere, nascida da necessidade de socializar o resultado do conjunto das pesquisas sobre a Literatura Mato-grossense, tem-se afirmado, ao longo dos últimos anos, como uma das mais estimulantes e inovadoras na área, influenciando a forma de repensar o ensino da literatura e a pesquisa na UNEMAT.

A novidade encontra-se na escolha dos objetos de análise, na reorientação do olhar sobre os fenômenos literários, nas produções simbólicas da representação do poder e na constante busca do aperfeiçoamento do seu papel na pós-graduação em Estudos Literários.

Num primeiro momento, a Revista esteve voltada para as publicações do Núcleo Wladimir Dias-Pino, de Tangará da Serra, ou seja, antevendo os resultados das pesquisas e o crescimento dos estudos na área da literatura dita “regional”, esteve na linha de frente no Estado de Mato Grosso. A transferência do campo de análise para abranger as duas linhas do Mestrado em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – Literatura, História e Memória Cultural e Literatura e vida social nos Países de Língua Portuguesa – irá permitir a abrangência da produção, ligando Instituições das mais diversas regiões do país e do exterior. Neste caso, encontramos na essência dos mecanismos de representação da arte, cruzando interesses transnacionais que facultam a compreensão do sistema de re-produção de práticas sociais questionadas em função das diferenças e da pluralidade.

Assim, a Revista Alere dá continuidade ao seu projeto de ampliar a bibliografia dos estudos literários presentes nos mais diversos campos das ciências sociais e humanas, compilando um conjunto de trabalhos que constitui, antes de mais nada, um convite à reflexão sobre o diverso no interior do campo científico.

Neste número da Revista Alere, prestamos homenagem a três autores.

De um lado, aos professores Maria Edith Garboggini di Giorgi e Flávio Vespasiano di Giorgi, que fizeram parte de um pequeno grupo de recém licenciados pela Universidade de São Paulo e que se dispuseram a expandir o ensino superior pelo interior do Estado de São Paulo. Nascia assim a Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de São José do Rio Preto, a FAFI, que posteriormente seria incorporada, juntamente com outros institutos isolados, pela Universidade Estadual Paulista/UNESP.

A professora Maria Edith respondia pela disciplina de Literatura Brasileira, e o professor Flávio, pela de Latim. Reeditamos (1980), agora, o artigo O “Esquecimento de nomes próprios”, na psicopatologia da vida cotidiana em Sigmundo Freud em que, após a exposição do texto de Freud, os autores chegam a uma nova leitura do fenômeno estudado.

Homenageamos, de outro lado, Rubens de Mendonça (1915-1983), renomado historiador, jornalista, poeta e crítico que marcou a cultura brasileira produzida em Mato Grosso com sua verve satírica. Foi sagaz observador, atuante na sociedade através das publicações em jornais, estudioso das manifestações sociais e articulador de movimentos de renovação das letras e das artes, contribuindo para a participação de Mato Grosso nas discussões sobre as vanguardas do início do século XX a partir do Movimento Graça Aranha e da Revista Pindorama, ambas com propostas estéticas de modernização das letras mato-grossenses. Percorreu grande parte das searas da criação humana, deixando uma vasta obra de significativa importância para a memória cultural brasileira. Com a publicação de uma conferência proferida em 1937 na Academia Mato-Grossense de Letras, consegue-se vislumbrar o mundo literário a partir da “periferia” do Brasil, reconhecendo a participação de renomados escritores na revisão do processo sócio-histórico nacional.

Nessa perspectiva, Luiz Renato de Souza Pinto em *A cruz encobre a espada* dá amplitude à visão plural dessa produção antevista por Mendonça, ao examinar a figura da mulher na obra de José de Mesquita, demonstrando os estereótipos sociais e o seu papel na sociedade durante o Estado Novo. Liderando agremiações de renomada importância como o Grêmio Júlia Lopes e a Revista Violeta, Luiz Renato revitaliza a importância desse escritor na preservação de parte das tradições culturais pelo viés da presença feminina.

O diálogo entre Brasil e Portugal comparece no texto de Rodirlei Silva Assis, ao examinar no romance *Rio das flores* (2007), do português Miguel Sousa Tavares, as imagens dos dois países a partir dos olhos de seu protagonista.

O texto traduzido por Vera Maquea *À espera dos fantasmas: Foe e O mestre de Petersburgo*, a partir do original francês *En attendant les fantômes: Foe et Maître de Petersbourg*, de Raphaëlle Guidée, é uma leitura da obra do sul-africano J. M. Coetzee, prêmio Nobel de Literatura 2003. Raphaëlle Guidée analisa “com acuidade crítica a posição de Coetzee em relação ao regime do apartheid e as consequências do processo colonial em seu país, a partir da releitura/reescritura de *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe e *Os demônios*, de Dostoiévski”.

Em Graciliano Ramos e a Bulgária encontra-se uma contribuição preciosa de Rumen Stoyanov, da Universidade de Sófia. Uma minuciosa narrativa das vicissitudes da divulgação, tradução e edição de autores brasileiros na Bulgária. Graciliano Ramos com *Vidas secas* merece destaque.

Em *Que país é este? O Cortiço revisitado*, Elisabeth Batista relê a obra de Aluísio Azevedo, dando amplitude à visão de mundo do século XIX, pelo modo de narrar o cotidiano e a vida social, “razão pela qual se justifica o interesse contemporâneo da leitura”.

Um conto de Roberto Drummond, de seu livro *Quando fui morto em Cuba*, publicado em 1982, é objeto de análise de Sílvia de Cássia Rodrigues Damacena de Oliveira, interessada em examinar o lugar dos meios de comunicação de massa na elaboração de personagens na ficção deste escritor paranaense.

Uma viagem ao épico e ao romance grego é o que empreende Diana Junkes Martha Toneto, para descobri-los em *Galáxias*, de Haroldo de Campos, concebido como “o texto-naufrágio que é metáfora da própria escritura e do livro entendido como viagem”.

A questão do gênero volta no trabalho de Lilian Reichert Coelho, na leitura de *Cidade de vidro*, primeira narrativa d’A trilogia de Nova York (1987), do escritor estadunidense Paul Auster. Segundo a autora, encontra-se aí uma nova concepção do

gênero policial que não mais se esgota no desvendamento do objeto e, portanto, no desencadeamento das ações.

O claro enigma de um título: *Amar*, de Drummond de Andrade, de Julieta Haidar e Tiekko Y.Miyazaki, é o único texto neste número a dedicar-se ao poema.

Apoiando-se, basicamente, na dicotomia definição/ denominação, as autoras analisam o poema drummondiano para explicar a razão de locuções díspares, quanto à tonalidade eufórica ou/e disfórica do texto.

Finalizando o volume, Diana Junkes Martha Toneto resenha *Clarice: uma vida que se conta*, de Nadia Batella Gotlib; Julieta Haidar, o livro de Antônio Roberto Esteves *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*, e Tiekko Y.Miyazaki, *Memorial de uma faxineira e outras histórias contadas e recontadas*, de Wilson Daher.

Entre idas e vindas das leituras de variados textos, os traços aqui apontados colocam em discussão aspectos expressivos da produção literária que, vistos desta forma, passam a participar e contribuir com o universo cultural a que pertencemos, permitindo a reversibilidade das experiências e a circulação dos valores. Em tais momentos, afinam-se os diálogos e estabelecem-se os fecundos sulcos por onde vazam as experiências mais significativas postas pela arte e pela literatura. Os resultados dos trabalhos (entre)tecem a Revista que pretendemos constitua um convite à prática reflexiva.

Olga Maria Castrillon-Mendes

Tiekko Yamaguchi Miyazaki

Walnice A.M.Vilalva